JUSSARA RICARDO DA SILVA RODRIGUES

DOI: <https://doi.org/10.31692/978-65-88970-01-0.45-47>

Relato de vida

Filha de Luciana Ricardo da Silva Rodrigues e Eurico Rodrigues do Rêgo, me chamo Jussara. Durante boa parte da minha vida vivi no interior de Limoeiro-PE, numa fazenda em Ilhetas junto a meus avós paternos. Hoje eu sou muito grata por ter tido a oportunidade em ter vivido uma infância raiz, sadia e feliz. Meu avô sempre foi uma referência para todos da família; era honesto, legal, contente e o mais admirável era sua simplicidade e a calma que tinha em tudo que acontecia. Sempre aparecia cobra na casa em que eu morava, e minha mãe fazia cada escândalo com medo. Nisso, meu avô vinha andando com toda a calma do mundo até lá em casa para matar a cobra. Ele trabalhou a vida toda com pecuária, e só quem permaneceu na atividade entre doze filhos foi meu pai.

Aos Sábados, todas as minhas primas iam para fazenda e era tanta brincadeira; eu sempre era a cobaia por ser a mais nova. Lembro de um dia em que todas subiram no pé de tamarindo, mas eu não conseguia. Logo, elas amarraram uma corda em minha cintura e quando puxaram não aguentaram mais e eu cai. Nesse dia eu chorei tanto. Teve outra vez em que eu botei o dedo na boca da lagartixa e me desesperei quando meu pai disse que ia sair as tripas (gargalhada).

Há 17 anos atrás meu avô faleceu. Aconteceu de uma forma bem improvável: uma das vacas paridas, com ciúmes do bezerro, lhe deu várias chifradas e ele faleceu. No dia da tragédia meu pai só encontrou meu avô de madrugada, embaixo de um pé de juá. Foi sem palavras aquele dia, foi uma perda irreparável para todos nós. Depois desse fato, a vaca foi vendida e meses depois a fazenda foi vendida também. Foi tão ruim ter saído do sítio, sofri muito. Porém, fomos morar no sítio da minha vó materna numa casa que a princípio, seria um bar sem divisão nenhuma, e vivemos lá por cerca de uns 9 anos. Lá era maravilhoso, a gente vendia dudu quando tinha torneio de futebol aos Domingos. Quando a fazenda foi vendida, viemos para a “cidade”, e sem dúvidas muito difícil a adaptação.

Meu pai mudou totalmente o rumo de trabalho em que foi ensinado desde criança, e foi ser moto táxi, permaneceu por uns 3 anos. Minha irmã e eu fomos estudar na escola Professora Jandira de Andrade Lima, e lá permaneci até a formatura. Havia professores excelentes lá. Ao me formar no Ensino Médio no ano de 2014, optei por um curso técnico, porque ainda tinha dúvidas da área a seguir. No entanto, escolhi o curso de Agroindústria do IFPE, que na época, era ofertado no turno da noite. Fiz a prova, passei e iniciei em 2015, foi toda uma empolgação. No dia da matrícula minha mãe ficou bem preocupada, porque ela achou muito esquisito a chegada até o Instituto, mais com um tempo foi ficando tranquila.

Já no início do curso, observava que eu me sentia muito mais motivada quando tinha aula das disciplinas mais específicas, como Zootecnia, Agricultura, entre outras, e não gostava muito das disciplinas voltadas à produção agroindustrial. Seis meses depois eu engravidei. O tempo foi passando e abandonei o curso no último módulo, primeiro porque eu já ia ter o bebê e segundo que eu não queria seguir na área. Consequentemente, hoje me arrependo muito de ter abandonado mesmo sem gostar, foi muita imaturidade.

Em 2017, passei pela nota do Enem na UFPB EAD em Licenciatura em Ciências Agrárias e foi um divisor de águas, onde me encontrei de fato e vi que era nessa área que eu queria seguir. Ademais, mesmo passando em Agrárias, meu objetivo era a Agronomia. Por meu filho ser muito novinho, esperei um ano após o nascimento para prestar o vestibular no curso de Agronomia. Quando fiz a prova, achava que tinha ido

péssima na redação e não ia conseguir passar, pois aquele ano era perfeito, uma vez que as aulas seriam à tarde e teria transporte público neste horário levando para Vitória. Cheguei em casa com o sentimento de frustração, mas tinha entregado nas mãos de Deus, e o resultado é que passei em quinto lugar e com nota 8 na redação.

Isso me deixou muito feliz, mas a peleja não parou por aí, pois logo eu soube que não podia cursar duas faculdades públicas e tipo, eu fiquei sem saber o que fazer. Como eu já estou no finalzinho dessa graduação, preferi manter os dois cursos. Meus planos para breve é um mestrado na área de Entomologia Agrícola ou Fertilidade do Solo, e ainda estou balançada nessas duas áreas. Porém, por Entomologia tenho um apego a mais e pretendo, até o mestrado, conseguir desenvolver um produto de controle biológico de praga e patentear, assim como também tenho o objetivo de passar no concurso federal para professora.

O Programa Internacional Despertando Vocações – PDVAGRO, conheço desde o tempo da agroindústria através do meu amigo Adjair José, membro e participante ativo. Sempre me recomendou e falava de sua importância para mim. Tanto que quando começaram as aulas, fui logo atrás de saber onde me inscrevia e etc. Semanas depois, o Professor Edísio e o coordenador Djalma foram até a sala de aula apresentando o programa e logo corri para me inscrever no edital. Fui chamada para uma entrevista, passei e estou lá, participante do Grupo de Trabalho em extensão rural, e amo as práticas e oportunidades de estar associando a teoria com a prática, resolver problemas e ainda de conhecer pessoas e aprender com elas.

Esse programa nos oferece crescimento profissional e além disso, agrega muito na vida pessoal de cada membro. Tenho muito a agradecer ao professor Erick Viana e ao professor Edísio Raimundo, que me deram oportunidade e sempre foram pessoas de conduta inquestionável, e empatia por nossos defeitos e qualidades.